

**Identidade e Memória em disputa:
Comemorar Tavares Bastos em tempos de Estado Novo brasileiro**

THIAGO LENINE TITO TOLENTINO*

Na mesma sessão da Academia Brasileira de Letras em que Alceu Amoroso Lima relatara as “últimas publicações do Ministério de Educação e Saúde” que constavam de “duas antologias de poetas brasileiros da fase romântica e da fase parnasiana”, organizadas pelo “ilustre poeta Manuel Bandeira”; Rodolfo Garcia, diretor da Biblioteca Nacional, “tinha a grande satisfação de apresentar um grande livro’ escrito pelo ‘brilhante ensaísta que todos nós conhecemos e admiramos” e publicado pela “benemerita Companhia Editora Nacional’ na ‘opulenta série *Brasiliana* da Biblioteca Pedagógica Nacional”. O “brilhante ensaísta” era Carlos Pontes, ao passo que, o “grande livro”, sua biografia de Tavares Bastos¹. Rodolfo Garcia aponta o centenário de Tavares Bastos, a ser comemorado no dia 20 de abril daquele ano de 1939, como ocasião propícia à recuperação de quem

sentindo todas as necessidades legítimas do Brasil contemporâneo, de ordem econômica, de ordem administrativa, de ordem política, por elas propugnou, como verdadeiro paladino, na tribuna parlamentar, na imprensa e em livros, que ficaram na literatura nacional como modelos não excedidos na alta ciência de governar (S/AUTOR [1], 1939: s/p.).

As afirmações de Garcia trazem consigo pontos que sinalizam um aspecto que, a partir da biografia escrita por Carlos Pontes, gostaria de desenvolver, a partir dos sentidos e significados da recepção de uma obra biográfica nos meios intelectuais da época², a fim de demonstrar sua capacidade em desencadear um debate político no qual as posições dos intelectuais envolvidos ficam claramente demarcadas. É possível, a

¹ PONTES, Carlos. *Tavares Bastos (Aureliano Candido) 1839-1875* São Paulo: CEN, 1939.

² O levantamento dos artigos de jornais aqui analisados só foi possível mediante consulta no Arquivo de Documentos do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Documento nº03216, caixa 59, pacote 01, Doc 04. Trata-se de ‘recortes de jornais sobre notícias da publicação do livro: ‘Tavares Bastos’ – de autoria de Carlos Pontes. 1939’. Oferta de Elisabeth Mendonça em 18 de março de 1970’.

partir das análises sobre o livro na imprensa, verificar por onde poderia passar o debate político-intelectual acerca das melhores diretrizes que o país deveria tomar, no interior do regime estadonovista. Sobre a recepção da biografia de Tavares Bastos escrita por Carlos Pontes já apontamos em outra ocasião³, naquilo que toca seu valor historiográfico, a existência de comentários de intelectuais de renome à época como Augusto Frederico Schmidt⁴, Hermes Lima⁵, Pedro Calmon⁶, Costa Rego⁷, Menotti del Picchia⁸ e Alceu Amoroso Lima⁹. Francamente elogiado em seus aspectos metodológicos, historiográficos e ‘científicos’, a biografia de Tavares Bastos, porém, dividia as opiniões quando questionada sobre qual tipo de relação ela deveria manter com aquele presente no qual se lançava.

O reconhecimento da importância da figura de Tavares Bastos na história nacional era ponto comum entre os intelectuais analisados. Não lhe questionavam o “valor monumental”, mas debatiam sobre os limites de tal horizonte monumental. Lançado o livro sobre Tavares Bastos, um dos pontos que começa a ser realçado na obra é, conforme citação de Rodolfo Garcia, aquele que diz respeito ao fato de o biografado ter “sentido todas as necessidades do Brasil contemporâneo”. Trata-se, portanto, de se verificar e ratificar a contemporaneidade do pensamento de Tavares Bastos naquele momento histórico. Costa Rego diz que, após a leitura do livro de Carlos Pontes, “a

3 Cf.: TOLENTINO, 2009.

4 “O livro do sr Carlos Pontes (...) vem revelar a existência de um ensaísta notável, de um escritor de admiráveis qualidades, capaz, como raros entre nós neste momento, de se mover com naturalidade e sutileza no mundo das idéias”. (SCHMIDT, 1939: s/p)

5 Sobre o livro de Carlos Pontes diz Hermes Lima: “compôs uma volume, de hoje em diante indispensável a quem quiser saber a história das idéias políticas no Brasil (...) descreve a vida dentro de um período histórico, cujos anseios e cujas figuras o escritor recorda (...) O conhecimento de Carlos Pontes sobre a nossa história política é profundo e bebido em fontes originais (...) seus julgamentos são seguros, sua intuição exótica, muito aguda, não se deixando levar por preconceitos (...) o desabrochar e o meio dia desse pensador, numa seqüência de quadros parlamentares, choques políticos e pessoais que emprestam ao seu livro um vivo colorido histórico”. (LIMA, 1939: s/p)

6 Calmon qualifica o livro de Carlos Pontes de ‘magistral biografia que todo brasileiro devia ler’. (CALMON, 1939).

7 “Poucos trabalhos do gênero apresentam a segurança dessa paciente pesquisa”. REGO, Costa. Centenário a comemorar. *Correio da Manhã*. 5/02/1939.

8 “Sobre a figura desse grande brasileiro, Carlos Pontes escreve um substancioso estudo”. (HELIOS, s/d).

9 Dissertando sobre uma questão central no fazer biográfico cujo “perigo é exagerar a figura estudada, como se vivesse por si, num mundo a parte”. Sobre este aspecto, lembra o autor que nem Nabuco “escapou à crítica de ter feito girar o Império em torno de seu pai”. Carlos Pontes, porém, teria “escapado ao perigo apontado”. (ATHAYDE, 1939).

impressão que se recolhe é de que Tavares Bastos animou com o sopro de suas previsões e de suas iniciativas todo o Brasil de hoje (...) Era um agitador e um profeta” (REGO, 1939: s/p). Hermes Lima, neste sentido, ressalta que era o biografado “liberal de escola e não de partido”, um “liberal unilateral”, para quem “a liberdade no Brasil revelava-se um instrumento poderoso e fecundo de organização”. Hermes Lima reivindica a importância desta perspectiva, meio pateticamente:

Ó Tavares Bastos, pai dos unilaterais brasileiros, teu exemplo é edificante! Mostra-te como a liberdade é fecunda, organizadora, como ela idealiza as coisas práticas, como ela é o caminho de riqueza e de abundância (LIMA, 1939: s/p).

Humberto Bastos, que lamentava não ter a biografia escrita por Carlos Pontes lhe permitido “conhecer a criatura humana nos seus gestos naturais”, defendia que os livros de Tavares Bastos eram um “pouco áridos para o nosso tempo, mas com as idéias sem o mais ligeiro mau cheiro de mofo”. Completava Humberto Bastos que tais livros traziam

Idéias ainda novas em folha, principalmente as que ele expõe nas Cartas do Solitário. Muitos daqueles apelos patrióticos poderiam ser ouvidos pelos atuais administradores do Brasil (BASTOS, 1939: s/p).

Plínio Barreto enumera as idéias pelas quais “se bateu Tavares Bastos”:

A descentralização administrativa; a livre navegação dos rios; a cabotagem franca; o desenvolvimento das nossas relações comerciais com os povos americanos; a aquisição do telégrafo elétrico; a expansão da liberdade comercial pelo estabelecimento de um vasto sistema de viação férreas; a liberdade de cultos; as franquias dos imigrantes; a reforma eleitoral sobre a base do sufrágio direto; a organização da magistratura de modo a lhe assegurar a independência; a reforma do parlamento sobre a base da temporariedade do cargo de senador e sobre a base da população do império; a democratização de todas as nossas formas governamentais (BARRETO, 1939: s/p).

Barreto concorda com a afirmação de Carlos Pontes que, “com toda razão”, sustenta que “o Brasil, só por um artifício despótico poderia viver sob o regime centralizador”.

Sob o pseudônimo ‘D’, apareceu um artigo na *Gazeta de Alagoas* que sustentava a existência na obra do conterrâneo algo que se pode “colher de mais precioso, de mais completo, de mais real, está perfeitamente dentro das condições nacionais”. O mesmo autor não titubeia em afirmar que ali estavam

idéias ajustadas à nossa realidade. E tão ajustadas que ainda hoje são do nosso tempo (...) As suas idéias, muitas delas, ou quase todas elas, podem ainda ser um programa de governo. Uma admirável programa aliás (D, 1939: s/p).

Todos estes artigos e comentários são anteriores ao texto de Tristão de Athayde. Athayde criticava a “moda de se desdenhar do conceito ciceroniano da história como mestra da vida” e discordava de Paul Valéry que “chegou mesmo a escrever que nada é mais ridículo do que falar das lições da história” (ATHAYDE, 1939: s/p). Para Tristão de Athayde, Carlos Pontes não pertenceria ao número que compunha esta moda, pois em seu livro “sente-se que nos dá Tavares Bastos como um modelo e um exemplo”. Athayde, então, pondera que o biografado não podia ser um exemplo àquela geração que sentiu “exatamente o oposto do que Tavares Bastos”: esta geração teria percebido a “necessidade de reagir contra a descentralização republicana, que ia levando o país ao separatismo e à desagregação nacional”. Neste sentido, temia-se “o perigo e o erro da liberdade absoluta”, de modo que, tratava-se de se “fazer em favor da autoridade o que o século XIX, de cujo espírito Tavares Bastos participou quase integralmente, fez pela liberdade” (ATHAYDE, 1939: s/p). A questão das relações entre Estado e Igreja ocupa lugar central na crítica de Athayde. Referindo-se aos problemas de sua época, o crítico destaca que

Se Tavares Bastos se bateu pela laicização absoluta da sociedade e pela subordinação da Igreja ao Estado, muitos de nós sentimos e queremos coisa muito diversa e consideramos o laicismo como o grande erro dos tempos modernos e a Igreja como salvadora da Civilização (...) Estou longe, pois, de participar do apoio integral do sr Carlos Pontes às idéias e às atitudes de Tavares Bastos (ATHAYDE, 1939: s/p).

Tristão de Athayde considera que se a obra de Tavares Bastos “volta a ganhar atualidade”, isto se deve ao fato de “estarmos sofrendo as conseqüências da monstruosa ‘centralização’ estatista a que nos tem conduzido o socialismo de direita e de esquerda”. Nesta perspectiva, este “estatismo” seria fruto do próprio “liberalismo integral” a que “se filiou Tavares Bastos em seu tempo”. Tal liberalismo seria o “precursor desse intolerável socialismo, nacional ou internacional” (ATHAYDE, 1939: s/p).

Athayde critica a posição de Tavares Bastos que, tendo sido um “extremoso e magnífico defensor do ensino livre”, o “campeão do ensino livre”, a respeito do ensino religioso, “quer proibi-lo nas escolas públicas e, mais do que isso, defende a tutela absoluta do governo sobre os próprios seminários”. A tese de Athayde sobre a origem do socialismo no liberalismo, “que o liberalismo absoluto leva ao socialismo absoluto”, ganharia comprovação nos elogios que “esse apóstolo do liberalismo” fez aos “princípios da escola socialista”. O crítico católico denuncia as contradições naquele que lançou ao ‘nosso Império liberal a pecha de despótico’ e que escrevera:

Esqueçam-se as prevenções que o despotismo aliado aos Jesuítas criaram contra as tendências do ensino oficial. Depois que a democracia apoderou-se do governo dos Estados, o ensino oficial revelou toda sua eficácia. Os povos o compreenderam desde logo e assim vai passando às legislações contemporâneas um princípio saudável da escola socialista, cuja propaganda, apesar dos desvarios de sectários exclusivos, há triunfado tantas vezes da rotina conservadora (ATHAYDE, 1939: s/p).

Após “demonstrar” a genealogia do socialismo moderno no liberalismo, Athayde conclui que depois de “meditação renovada da obra de Tavares Bastos, mais me confirmo na posição – nem liberalismo, nem socialismo, mas cristianismo”. Renega o “liberalismo de direita” de Tavares Bastos, e o “da esquerda” de Tobias Barreto. Athayde prega, como sempre, o “cristianismo integral... com a Igreja de Roma de Cristo”. A essas críticas, o autor soma outras, com citações dos livros de Tavares Bastos, que dizem respeito à defesa que o biografado faria dos “imigrantes da Alemanha e da Grã-Bretanha” sem os quais “o Brasil nunca progredirá”. Tavares Bastos teria defendido

a imigração porque era “preciso que o sangue das raças do Norte venha desenvolver e remover essa raça degenerada” e Tristão de Athayde não deixa de destacar que “no *Mein Kampf* não está enunciada a inferioridade de nossa raça com mais clareza” (ATHAYDE, 1939: s/p). No mesmo sentido das críticas de Tristão de Athayde, está a perspectiva de Augusto Frederico Schmidt. Escrevendo sobre a atualidade de Tavares Bastos, Frederico Schmidt diz que o “tema das últimas gerações brasileiras (...) não foi a descentralização, antes o fortalecimento do poder central”. Sobre este aspecto, Frederico Schmidt lembra que a “liberdade dos Estados (...) (política dos governadores), a liberdade e a autonomia provincial degenerou numa ameaça à unidade brasileira”. Sem se estender muito na análise, Frederico Schmidt pontua que “as outras teses liberais sustentadas por Tavares Bastos, podem, outrossim, sofrer algumas dúvidas”, sendo necessário reconhecer que “os tempos mudaram, as coisas tomaram evidentemente um outro rumo” (SCHMIDT, 1939: s/d).

Após as críticas destes eminentes pensadores cristãos, a defesa da contemporaneidade das idéias de Tavares Bastos surge com maior vigor. Nelson Werneck Sodré diz que Tavares Bastos “compreendeu, antes de qualquer outro, que a unificação dos interesses econômicos devia ser a estrutura dos interesses políticos”, de modo que, o biografado “continua atual, e o seu nome cresce com a passagem dos anos”. Sodré destaca no pensamento de Tavares Bastos a sensação que este teve sobre “a perigosa disparidade que fixava uma centralização absurda a imensidade territorial” e criticava os defensores de “uma política cega que confundia descentralização com separação”. Sodré aponta o problema, previsto por Tavares Bastos, em se reduzir todos os problemas provinciais a um “denominador único numa orientação estabelecida e única, incapaz de se moldar às circunstâncias (...) de flexionar-se a imperiosa realidade”. Conclui Sodré que

não há, talvez, obra de pensador morto, no Brasil, que tenha a atualidade de Tavares Bastos. Ele sentiu e buscou soluções para todos os problemas vividos e nevrálgicos da nacionalidade. Foi objetivo e realista (SODRÉ, 1939: s/p).

Eloy Pontes, autor de uma biografia de Machado de Assis¹⁰ e reconhecido crítico literário à época¹¹, considerava que, mais do que atual, Tavares Bastos estaria “à frente” da própria época em que se lembravam dele, pois a leitura de sua obra nos daria “a impressão de que retroagimos lastimavelmente”. Segundo Eloy Pontes, o biografado

Reclamando um regime de completa liberdade espiritual, combatendo os eclipses que o clericalismo provocava, propondo o ensino livre, reprimindo os ímpetos das rotinas (...) assumiu os altos relevos dos marcos, que assinalam os caminhos limpos (PONTES, s/d: s/p).

Para Eloy Pontes, não há dúvida que “alguma espécie de marcha ré” veio “operando nos últimos anos entre nós” em contraste com a obra de Tavares Bastos. Este teria reclamado com veemência e coragem a “emancipação espiritual do país” que ainda “há de se realizar, a despeito de tudo”. Dessa forma, defende Eloy Pontes que a biografia escrita por Carlos Pontes é livro que deve “ser lido com espírito de objetividade” e que “ninguém, hoje, exita mais em recolher nas observações de Tavares Bastos os pontos culminantes dos problemas que nos agitam” (PONTES, s/d: s/p). Eloy Pontes parece dirigir-se especificamente à crítica de Tristão de Athayde, quando aponta

o ensino livre, a guerra ao ultramontanismo, o combate às praxes, os influxos das idéias robustecidas nas aspirações socialistas, foram sempre as encruzilhadas de todos os seus entusiasmos. Sem dúvida os retrógrados que ainda nos importunam, detestam as idéias de Tavares Bastos e sua conduta, como detestam Tobias Barreto e todos quantos combateram os falsos pressupostos da meia ciência e da malícia empavesada. O estudo do sr Carlos Pontes veio com a maior oportunidade, não por coincidir com o centenário de Tavares

10 PONTES, Eloy. *A vida contraditória de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939.

11 Sobre este aspecto, observamos os comentários do *Anuário Brasileiro de Literatura* que, em artigo sobre as traduções dos escritores brasileiros mais lidos no Brasil, não deixa de notar que ‘essas traduções nem sempre são boas, Eloy Pontes, Múcio Leão, Agripino Grieco, do alto de suas cátedras de críticos, vivem reverberando os tradutores incompetentes’. Cf. *Escritores estrangeiros cujas traduções são mais lidas no Brasil. Anuário Brasileiro de Literatura – Letras, Artes, ciências*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editora, 1937. 292.

Bastos apenas, mas por avivar os termos dum combate, que se impõe. Eis porque a vida de Tavares Bastos é espelho, e eis porque este livro representa espírito profícuo (PONTES, s/d: s/p).

No *Jornal do Comércio* de Recife, surgiu, então, um artigo que considerava “um tanto difícil registrar o aparecimento do livro do sr Carlos Pontes (...) depois da severa crônica que Tristão de Athayde escreveu a propósito”. Concordando com este último, o pseudônimo ‘LD’ defendia que o “sentido de exaltação” presente na biografia de Tavares Bastos era um problema que se opunha ao objetivo de se “abordar propriamente o julgamento das idéias do biografado”. A falha do livro residira em apontar Tavares Bastos como um “grande guia” e não atentar para as restrições que deveriam se refeitas ao seu “liberalismo” e “anti-clericalismo”. Seu pensamento estaria submetido ao “despotismo de certas correntes e de certos preconceitos do século”, de modo que

Tavares Bastos tem uma lição que ministrar às gerações de hoje, no seu amor ao interesse comum, na dedicação patriótica de seu espírito, na seriedade de seu trabalho intelectual (LD, s/d: s/p).

Acompanhando a recepção da biografia de Tavares Bastos escrita por Carlos Pontes na imprensa do período, percebemos que o horizonte monumental¹², ao qual se filia a produção biográfica, era percebido de maneiras diversas. Para uns, tratava-se apenas de se fixar na história a figura do "grande estadista" cuja importância está em seu tempo, datado e passado; para outros, a monumentalização vem acompanhada pelo reconhecimento da atualidade da figura biografada, de modo que, seu valor está na presentificação de suas idéias. Esta última perspectiva, no caso de Tavares Bastos, inseria-se de forma crítica no interior da intelectualidade de então. Afinal, estava em jogo a relevância da retomada, no interior do Estado Novo, de um autor nitidamente associado à tradição do pensamento liberal brasileiro. Digna de nota é a observação de

¹² A análise da produção biográfica dos anos 1930-40 sob o signo da monumentalização pode ser conferida em TOLENTINO, 2009.

O Globo constatando que

Não se sabe ainda que medidas vai tomar o Governo para festejar, em 20 de abril próximo, o centenário do nascimento de Tavares Bastos. Parece que oficialmente a data passará em Branco (S/AUTOR [2], 1939: s/p).

De fato, seria no mínimo inusitado o Estado que acabara de abolir as bandeiras e os escudos¹³ estaduais homenagear o autor de *A Província*. A Academia Brasileira de Letras, por sua vez, lançou nota no *Jornal do Comercio* do Rio de Janeiro onde publicava carta do titular da cadeira da qual o patrono é Tavares Bastos, o Ministro Rodrigo Octávio, em que este se dirigia ao presidente da Academia, Dr Antônio Austregésilo, para se privar em “promover as comemorações dessa efeméride notável”. O ministro dá como razão de tal afastamento o precário estado de sua saúde (S/AUTOR [1], 1939: s/p).

O livro de Carlos Pontes, concentrando a visão que deveria coordenar a comemoração – a rememoração coletiva - do centenário de Tavares Bastos, acabou por emprestar um significado eminentemente político e crítico à retomada do alagoano. Tal fato rendeu ao obscuro autor da obra uma projeção inaudita, conseguindo ser lido e comentado pelos intelectuais de maior renome no período. De fato, Carlos Pontes é um nobre desconhecido. Não obstante ser lembrado como “alagoano ilustre”, “um dos mais eminentes filhos de Alagoas e do Brasil”, “brilhante homem de letras e historiador de grandes méritos” (VAZ FILHO, 1964: 33-35). Apesar de sua biografia de Tavares Bastos ser, ainda hoje, fonte para os que pesquisam o pensador alagoano¹⁴, confirmando o juízo de José Campelo segundo o qual este livro seria “a fonte obrigatória de consulta

13 Cf. CONSTITUIÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL (DE 10 DE NOVEMBRO DE 1937). Art. 2º A bandeira, o hino, o escudo e as armas nacionais são de uso obrigatório em todo o País. Não haverá outras bandeiras, hinos, escudos e armas. A lei regulará o uso dos símbolos nacionais. Ver: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao37.htm ; Para além deste fato, existia, ainda, a “visão partilhada” pela “maioria da elite intelectual e política dos anos 30” acerca da “defesa de um projeto centralizador para a política brasileira. A crítica ao modelo liberal, consubstanciado na Carta de 1891”, sendo “difícil encontrar alguém que, no pós-30, defendesse a permanência dos princípios federalistas da forma como eram praticados na Primeira República”. Cf. OLIVEIRA, 1982: 32.

14 Em SILVA (2005) lê-se que “todas as observações sobre a vida pessoal de Tavares Bastos foram extraídas das seguintes obras: Carlos Pontes. *Tavares Bastos*. (...) Evaristo de Moraes Filho *As Idéias Fundamentais de Tavares Bastos* (...)”. O autor aponta Carlos Pontes como o ‘biógrafo oficial’ de Tavares Bastos (SILVA, 2005: 40; 10).

para quantos ainda queiram escrever sobre Tavares Bastos e o Brasil político do seu tempo” (CAMPELO, 1939: s/p). Do alagoano Carlos Pontes que, antes da Revolução de 1930, fora deputado estadual pelo Pará e por Alagoas, o dicionário oficial das Alagoas desconhece até o sobrenome (Cf. BARROS, 2005: 415). Fomos encontrar seu nome completo na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas*, do qual era membro honorário o sr Carlos Pontes Marques de Almeida, desde 22/04/1939. No dia 29 desse mesmo mês, Carlos Pontes esteve no salão nobre daquele instituto onde foi orador oficial do “1º Centenário de Tavares Bastos”.

São escassas as informações sobre a vida de Carlos Pontes. Após sua saída da política foi, no Rio de Janeiro, diretor da Biblioteca da Caixa Econômica Federal, cargo no qual se aposentou. E, mesmo à época em que lançara a biografia de Tavares Bastos, seu nome era desconhecido. Tristão de Athayde julga ser esta biografia o livro de estréia do autor alagoano. De fato, Carlos Pontes havia publicado apenas o, hoje raríssimo, *Ação do poeta Olavo Bilac e o reerguimento do espírito nacional*. Augusto Frederico Schmidt diz que Carlos Pontes é um autor que “não se apressou em surgir”, que “deu-nos até a impressão de alguém que cultivasse a inatividade e o ineditismo”. Segundo Schmidt, parecia, até o lançamento da biografia de Tavares Bastos, que Carlos Pontes “traçara voluptuosamente um plano de nada realizar, de deixar-se perder na poeira, no efêmero das conversas de acaso, nas livrarias e nos cafés” (SCHMIDT, 1939: s/p). A relação com Rodolfo Garcia, membro da Academia Brasileira de Letras e do IHGB, diretor do Museu Histórico Nacional e da Biblioteca Nacional, parece ter aberto as portas editoriais a Carlos Pontes¹⁵. O depoimento de seu conterrâneo João Lyra Filho nos concede maiores elementos para a compreensão do autor da biografia de Tavares Bastos. Segundo Lyra Filho, Carlos Pontes seria “uma das inteligências mais esclarecidas e mais retraídas do Brasil”, cujo

cabedal de conhecimentos que possui, a maneira de exprimi-los, a lucidez com que sabe dar relevo a tópicos fundamentais, e, sobretudo, a extrema vivacidade do seu espírito, serviram de definição que jamais afugentará a presença, entre os bons

15 Barbosa Lima Sobrinho sobre Carlos Pontes: “Tinha confiança no autor, discípulo do sr Rodolfo Garcia, e, conseqüentemente obcecado pela exatidão, verificando todos os elementos de sua bibliografia, as datas, os fatos, as interpretações, com o exemplo e a minúcia que a probidade histórica não deixa esmorecer”. Cf. SOBRINHO, 1939: s/p.

intelectuais do Brasil, desse paciente e fiel pesquisador
(FILHO, s/d: s/p).

Lyra Filho esclarece que “o que faz maior a expressão intelectual de Carlos Pontes é a clausura de sofrimento em que ele andou envolvido, a partir da revolução de 1930”. Segundo o Lyra Filho,

Embora humilde, embora discreto, embora calado, ele pertence à classe da nossa aristocracia intelectual, porque, sem fortuna e sem luxo, a alma nele se deixou invadir por intensa inflação de imagens amarguradas e quanto mais absorvido por elas mais Carlos Pontes se deixa possuir a si mesmo, repetindo, como Euclides, que o recato do sofrimento é a única expressão simpática do orgulho (FILHO, s/d: s/p).

Como deputado estadual, Carlos Pontes perdera o mandato por ocasião da revolução de 1930. A se levar em conta os depoimentos de seu conterrâneo, este fato teria abalado o autor profundamente, sendo um dos pontos a serem considerados como determinantes à crítica ao estado de coisas vigente que a biografia de Tavares Bastos parecia suscitar, visto sua recepção conflituosa na imprensa e sua defesa de princípios explicitamente discordantes das diretrizes políticas encaminhadas pelo governo. Segundo Wilson Martins, Carlos Pontes faria parte daqueles que sutil e implicitamente condenavam o regime de Vargas (MARTINS, 1996: 25). Tal potencial crítico pode ser vislumbrado no texto de Walquíria G Domingues Leão Rêgo, em que a autora contrapõe os “diagnósticos da sociedade brasileira” efetuados por Oliveira Vianna às perspectivas desenvolvidas por Tavares Bastos. Segundo a autora, o primeiro “pôde ver suas propostas efetivadas” em um “Estado forte, centralizado e intervencionista”, no processo de “modernização conservadora” da década de 1930-1940; ao passo que, o segundo defendia uma “nação federalista, com autoridade pública descentralizada e voltada para a formação de cidadãos virtuosos” (REGO, 1993: 167-180).

Um interlocutor que parece ser mais próximo de Carlos Pontes é Hermes Lima. De fato, este, além de elogiar vários pontos do livro de Carlos Pontes, é quem escreve o prefácio do terceiro livro do autor alagoano, *Motivos e Aproximações*, lançado em 1953. Na apresentação desta obra, Hermes Lima lembra que “depois do

livro magistral sobre Tavares Bastos, dá-nos agora Carlos Pontes estes *Motivos e Aproximações*”, onde o autor demonstra que “domina a nossa história política como poucos”. Hermes Lima diz, neste prefácio, ter uma

admiração pelo escritor que em Carlos Pontes tão completo é, tão sóbrio, tão preciso, tão elegante, tão destituído da ênfase que está para a literatura como a demagogia para a política (LIMA, 1953: 8-9).

Na década de 1930, Hermes Lima teria, a partir da obra *Problemas do nosso Tempo*, procurado “conciliar o marxismo com os postulados fundamentais do liberalismo” (MOTTA, 1979: 7). Hermes Lima escrevera uma biografia no ano de 1939 sobre Tobias Barreto. Este que, segundo Tristão de Athayde, por exemplo, pertenceria à esquerda do liberalismo que Tavares Bastos representaria a direita. Se somarmos à obra de Carlos Pontes acerca de Tavares Bastos o elogio que o biógrafo fez ao pensamento de Trotsky¹⁶, no prefácio ao estudo crítico sobre Alberto Torres escrito por Augusto Sabóia Lima, poderemos vislumbrar a compatibilidade entre Hermes Lima e Pontes. De fato, vários aspectos relevantes na biografia de Tavares Bastos estão presentes no crítico Hermes Lima, como a crítica à Igreja que “organiza sua ofensiva contra o Estado Leigo”, ao “despotismo clerical”, assim como, a defesa das “garantias essenciais de liberdade, de crítica e de pesquisa” e a concepção da ‘vocação democrática’ existente no Brasil (LIMA, 1953: 56; 97; 127; 140). Porém, qualquer tipo de mapeamento das relações entre os dois autores necessitaria de uma maior pesquisa que aprofundasse na busca pelos rastros, com certeza mínimos, que o desconhecido Carlos Pontes deixara para trás.

Lançada no ano de 1939, por ocasião do centenário de nascimento de Tavares Bastos, a biografia escrita por Carlos Pontes trazia consigo, além do reconhecimento teórico e metodológico da crítica de então, consistente argumentação sobre as raízes brasileiras que acabou por provocar um debate intelectual na imprensa sobre a identidade política brasileira. De fato, em uma época em que entre nós teria ocorrido,

16 Carlos Pontes diz sobre Alberto Torres que ‘A sua imaginação aproximou-se daquela categoria da *imaginação realista*, que Trotsky lobrigou no maior transformador político dos tempos modernos’. Cf. LIMA [2], 1935: 11. Augusto Sabóia. *Alberto Torres e sua obra*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1935. 11.

segundo a opinião corrente, a falência do liberalismo, a biografia de Tavares Bastos constituiu-se em fator de polêmica no período. Neste sentido, porém, é intrigante a observação de Tristão de Athayde para quem o liberalismo de Tavares Bastos “está hoje mais do que nunca em moda”, pois estaria associado aos “mais recentes ideais econômicos dos grandes anti-nacionalistas modernos e propugnadores de um neo-liberalismo como Von Mises, Hayek ou Rougier”. Sobre este aspecto, gostaríamos de apontar a análise de Michel Foucault, de 1978-79, que defende que em Von Mises está um dos “fundadores do neoliberalismo”, sendo um dos mais importantes teóricos da escola alemã do *ordo-liberalismo*. Von Mises representaria, principalmente, a crítica que associava o fenômeno do monopólio às economias nacionais protecionistas, pois

existe a facilitação do fenômeno monopolístico pelo fracionamento em mercados nacionais, que, reduzindo as unidades econômicas à fatias relativamente pequenas, permite efetivamente a existência, no interior deste quadro, dos fenômenos de monopólio que não subsistiriam em uma economia mundial (FOUCAULT, 2004: 81).

Já o austríaco Von Hayek teria, segundo Foucault, “saído do neo-liberalismo”, passado pela Inglaterra e pelo Estados Unidos, tendo sido “manifestamente um dos inspiradores do liberalismo americano contemporâneo, ou do anarco-liberalismo”. Acerca do francês Louis Rougier, Foucault assinala neste autor a perspectiva de que “o regime liberal não é apenas o resultado de uma ordem natural como declararam, no século XVIII” (FOUCAULT, 2004: 141), mas que ser liberal é

ser essencialmente progressista no sentido de uma perpétua adaptação da ordem legal às descobertas científicas, ao progresso das organizações e das técnicas econômicas, às mudanças de estrutura da sociedade, às exigências da consciência contemporânea (FOUCAULT, 2004: 108)¹⁷.

Uma das principais fontes da análise de Foucault sobre estes autores é o livro

17 FOUCAULT, Michel. *Naissance de la biopolitique – Cours au Collège de France (1978-1979)*. Paris: Gallimard Seuil, 2004. 81; 141; 108; 167.

de resumos do Colóquio Walter Lippman¹⁸, ocorrido na França entre os dias 26 e 30 de agosto de 1938. Este colóquio procurou, por um lado, retomar “efetivamente, sob a forma de uma pura e simples reativação, os temas do liberalismo clássico” e, por outro lado, apresentar um “certo numero de perspectivas” que traziam “os elementos que fazem parte do neo-liberalismo” (FOUCAULT, 2004: 167). A obra de Carlos Pontes foi publicada em 1939, de modo que, os comentários de Tristão de Athayde apontando a “moda de um neoliberalismo” revelam no pensador cristão uma leitura do seu mundo conectada a processos que ainda sequer tinham se desenvolvido em seus países de origem¹⁹. A Segunda Guerra Mundial havia apenas começado e, por aqui, Tristão de Athayde já reconhecia em Tavares Bastos uma fonte legítima para a habilitação de um neo-liberalismo entre nós e temia as implicações desta “raiz” brasileira.

BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, Pierre. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs). *Pós neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

Anuário Brasileiro de Literatura– Letras, Artes, ciências. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editora, 1937

ATHAYDE, Tristão de. O Solitário. *O Jornal*. 2/02/1939.

BARRETO, Plínio. Livros Novos. *O Estado de São Paulo*. 04/02/1939.

BARROS, Francisco Reinaldo Amorin. *ABC das Alagoas – Dicionário biobibliográfico histórico e geográfico de Alagoas*. Brasília: Ed. Senado Federal, 2005. T II g-t.

BASTOS, Humberto. Um estudo sobre Tavares Bastos. *Gazeta de Alagoas*. 22/01/1939.

CALMON, Pedro. Tavares Bastos. *A Noite*. 4/2/1939.

CAMPELO, José. A Biografia de Tavares Bastos. *Folha da Manhã*. 27/01/1939.

D. Notas Literárias. *Gazeta de Alagoas*. 31/01/1939.

FILHO, João Lyra. Tavares Bastos. *Meio Dia*. s/d. s/p.

18 *Compte rendu des séances du colloque Walter Lippmann (26-30 août 1938)*. Travaux du Centre International d'études pour la rénovation du libéralisme, cahier n° 1, avant-propos de L Rougier. Paris: Librairie de Médecis, 1939.

19 Referências que corroboram com os apontamentos de Tristão de Athayde sobre os autores fundadores do pensamento neoliberal podem ser encontradas em: ANDERSON, 1995.

FOUCAULT, Michel. *Naissance de la biopolitique – Cours au Collège de France (1978-1979)*. Paris: Gallimard Seuil, 2004.

HELIOS (Pseudônimo de Menotti Del Picchia). Tavares Bastos. s/r. s/d.

LD. *Jornal do Comércio (Recife)*. s/d.

LIMA [1], Hermes. Prefácio. In: PONTES, Carlos. *Motivos e Aproximações*. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1953.

LIMA [2], Augusto Sabóia. *Alberto Torres e sua obra*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1935.

LIMA, Hermes. *Problemas de Nosso Tempo*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1935.

LIMA, Hermes. Tavares Bastos o unilateral. *Diário de Notícias*. 15/01/1939.

MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira vol III (1855-1877)*. São Paulo, T A Queiroz, 1996.

MOTTA, Alberico. *Hermes Lima – Biografia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1979.

MOTTA, Alberico. *Hermes Lima – Biografia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1979.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta. GOMES, Ângela Maria de Castro. *Estado Novo: Ideologia e Poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982

PONTES, Carlos. *A Ação do poeta Olavo Bilac e o reerguimento do espírito nacional*. Rio de Janeiro: Typ do Jornal do Commercio, de Rodrigues e C., 1917.

Motivos e Aproximações. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1953.

Tavares Bastos (Aureliano Candido) 1839-1875 São Paulo: CEN, 1939.

PONTES, Eloy. *A vida contraditória de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939.

PONTES, Eloy. Vida Literária. S/R. S/D.

REGO, Costa. Centenário a comemorar. *Correio da Manhã*. 5/02/1939.

RÊGO, Walquíria G Domingues Leão. Tavares Bastos e Oliveira Vianna: contraponto. In: BASTOS; Élide Rugai; MORAES, João Quartim de. *O Pensamento de Oliveira Vianna*. Campinas: Ed Unicamp, 1993.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Maceió: s/ed, 2008.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Vol XX. Anos de 1938-1939. Maceió: s/ed, 1939.

S/AUTOR [1]. Academia Brasileira – A sessão de quinta-feira – livros oferecidos – Concursos Literários de 1939. *Jornal do Comércio*. 8/01/1939.

S/AUTOR [2]. Uma excelente biografia do pensador alagoano escrita pelo sr Carlos Pontes. *O Globo*. 03/1939.

SCHMIDT, Augusto Frederico. Um Livro sobre Tavares Bastos. *O Jornal (Copyright*

dos DA). '19-12-1939'.

SILVA, Antonio Marcelo J F. *Tavares Bastos: Biografia do liberalismo brasileiro*. Tese de Doutorado. IUPERJ. 2005.

SOBRINHO, Barbosa Lima. Tavares Bastos. *Jornal do Brasil*. 12/02/1939.

SODRÉ, Nelson Werneck. Livros Novos. *Correio Paulistano*. 09/02/1939.

TOLENTINO, Thiago Lenine Tito. *Monumentos de tinta e papel: Cultura e Política na produção da Coleção Brasileira (1935/1940)*. Dissertação de mestrado. UFMG, 2009.

VAZ FILHO, Augusto. *Alagoanos Ilustres*. Maceió: s/ed, 1964.